

Secretário sofreu ameaças de morte

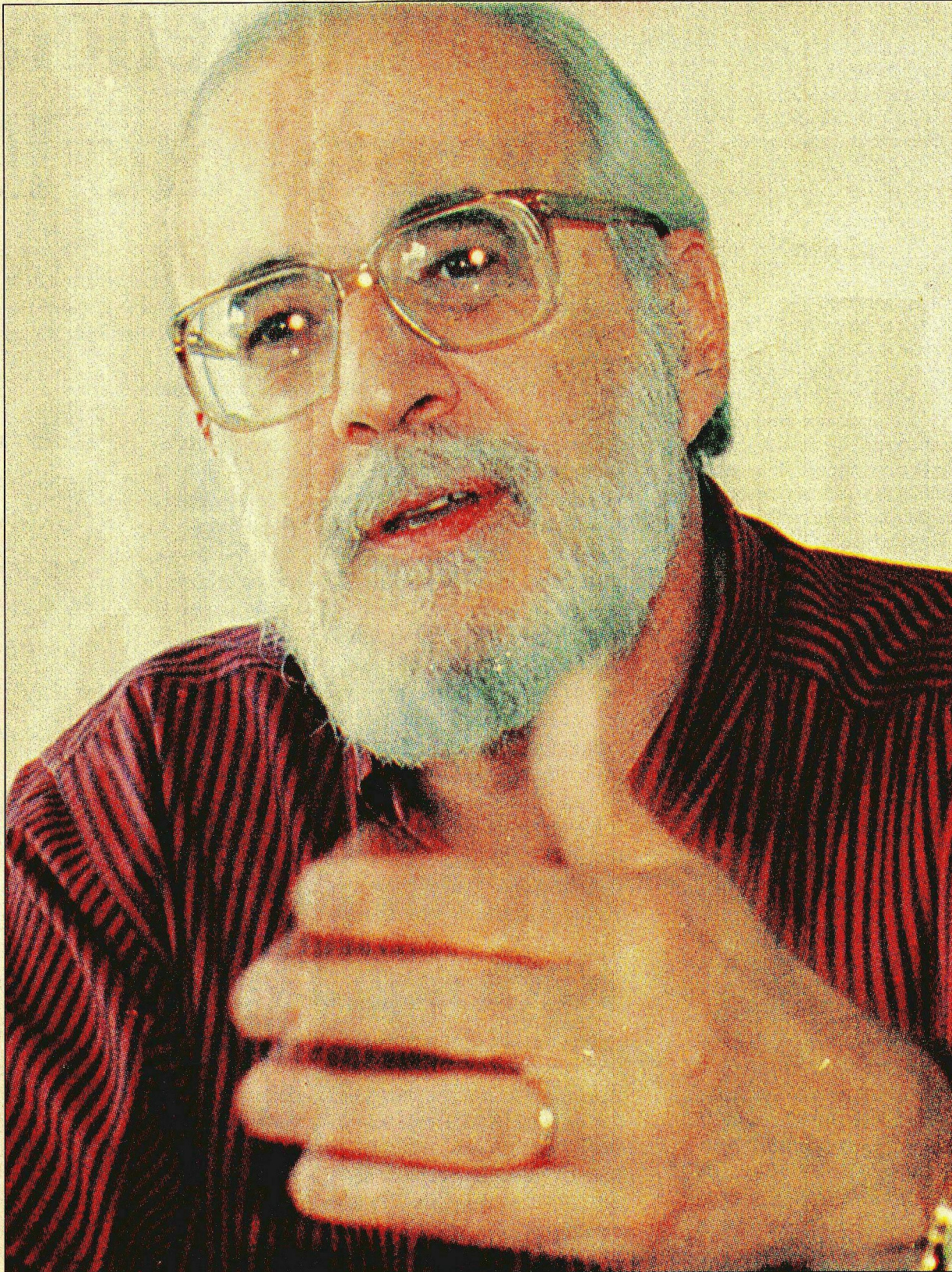
CARLOS TAVARES

O secretário João de Abreu teve a sua rotina de trabalho alterada durante maio e junho, quando passou a andar escoltado por agentes da Polícia Secreta da PM, a chamada P-2. Além das críticas pelo péssimo funcionamento do sistema assistencial de saúde, Abreu seria o próximo alvo da suposta Máfia da Saúde, entidade misteriosa integrada por membros dos cartéis de distribuição de gases, equipamentos hospitalares e de medicamentos.

Ele teria recebido várias ameaças de morte por telefone e por meio de bilhetes com recados tenebrosos. Um dos bilhetes, elaborado em máquina de escrever, advertia o secretário para não "mexer em caixas de maribondo". Eram recentes as mudanças que o secretário estabeleceu no sistema de fornecimento de alimentos, de gases hospitalares e de remédios, daí as razões do GDF ter levado a sério as ameaças.

Licitações - O subsecretário de Saúde, Antônio Alves, confirmou as ameaças e ressaltou ao **JBr** que as medidas do secretário, que previam um sistema de licitações mais rígido, haviam contrariado vários grupos de fornecedores viciados em facilidades criadas em outros governos e que atendiam a rede da Fundação Hospitalar.

Na época, o então secretário de Segurança, general Gilberto Serra, destacou duas duplas de agentes da P-2, a pedido do governador, para proteger João de Abreu. Os agentes se revezavam em turnos de 12 horas, para cada dupla, no trabalho e na residência do secretário. O governador Cristovam Buarque interpretou as ameaças de morte ao secretário como resultados da insatisfação de grupos interessados em desestabilizar o Governo Democrático e Popular do Buriiti.



João de Abreu ficou 600 dias no cargo, não suportou o bombardeio de críticas pelo caos na Saúde e pediu demissão